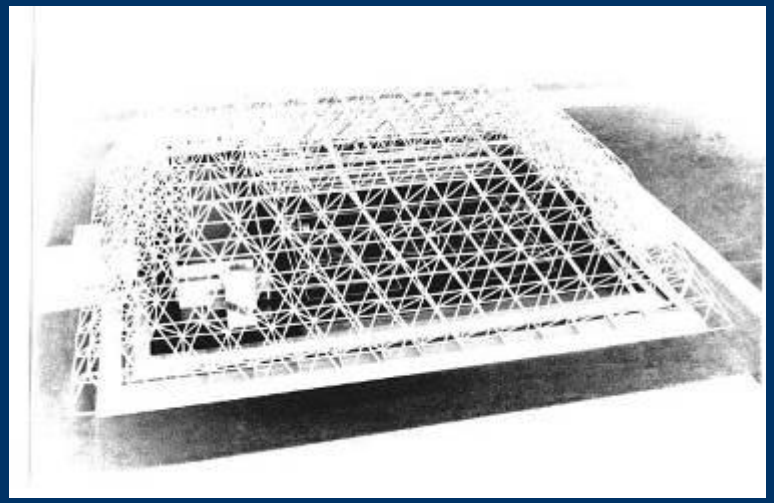
ANÁLISE VISUAL DA ENSEADA DE BOTAFOGO

Por Paulo Afonso Rheingantz

“Passeio ilustrado” pela Enseada de Botafogo, entre o Morro da Viúva, e o Iate Clube, relato da vivência de um arquiteto-morador da Enseada de Botafogo de 1996 a 2005.

ARQUITETURA “BEM-COMPORTADA”

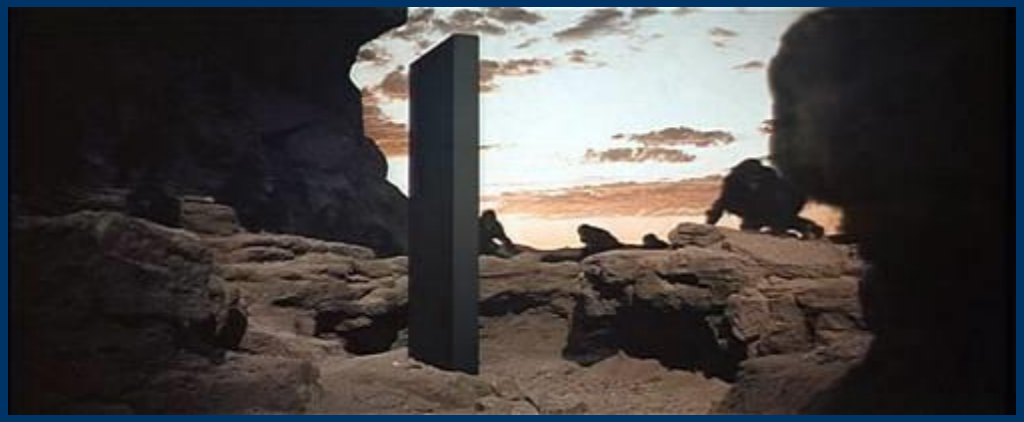
RECAÍDA MODERNISTA:



CONTRADIÇÃO INCÔMODA:

“não era esta a casa que eu queria!”

UM NOVO CAMINHO:



ENSEADA DE BOTAFOGO:

Testemunho exemplar

- da “furia urbanística” (DRUMMOND & BANDEIRA),
- “trânsito perverso do progresso que fomenta, em nome do progresso, a transformação grosseira e desnecessária da fisionomia da cidade” (Nelson BRISSAC)

1824 - Rugendas

1906 Obras Plano Agache

2003

As áreas escuras junto ao mar indicam os muros e enrocamentos do aterro. As quadras escuras, os edifícios das universidades UFRJ e UNIRIO. As manchas em cinza escuro, o parque do Flamengo e o Morro da Viúva. Em cinza mais claro, as vias e a linha 1 do Metrô.

Relação aleatória entre a massa edificada e o perfil natural dos morros. Fragmentação da paisagem, fruto da prevalência da concepção do edifício como obra isolada de arquitetura em detrimento de seu relacionamento com o contexto.

O conjunto de intervenções no sítio releva a presença de diversos objetos [principalmente edifícios] ávidos por atenção. Arquitetura como protagonista do processo de degradação da paisagem natural: monumentos da irracionalidade.

Limites naturais e culturais são substituídos pelos limites técnicos, econômicos e políticos, tornando os lugares impessoais, despersonalizados, desumanos e frios.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (I)

“Paredão Edificado”:

Evidência da ocupação irracional do sítio e descaso com a paisagem natural. Degradação tecnicista.

Instituto Fernandes Figueira

Único trecho visível do morro. Ao fundo, aparecem as torres dos edifícios Apolo (ao centro) e o conjunto de edifícios da Avenida Osvaldo Cruz. Memória dos primeiros edifícios e descontinuidade de massa edificada

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (II)

Trecho entre as avenidas Rui Barbosa e Osvaldo Cruz, onde se destaca o edifício Apolo com seus 28 pavimentos. Evidência da prevalência dos interesses imobiliários e do casuísmo das autoridades públicas [liberação de gabarito]

Trecho entre a avenida Osvaldo Cruz e ruas Senador Vergueiro e Marques de Abrantes. Fragmentação do tecido urbano e da morfologia da massa edificada: relação aleatória entre a concepção dos edifícios e o contexto.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (III)

Obstruções

Evidência de falta de articulação entre os organismos municipais e falta de lógica na concepção. Se instalado na grama, além de evitar a obstrução do trânsito de pedestres, o banco possibilita maior conforto para seus freqüentadores – a grama ameniza as radiações térmica e luminosa.

"**Edifícios Cegos**"

Telemar e FGV, situados no trecho entre as ruas Marquês de Abrantes e Farani.

Fachadas envidraçadas da FGV, voltadas para Leste e Oeste, funcionam como coletor solar e obrigam seus usuários a colarem folhas de papel opaco, para reduzir a incidência da radiação direta do sol.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (IV)

Fachada "cega"

E sombra que o edifício da FGV projeta sobre o edifício vizinho.

Desproporção, ruptura e falta de integração com o sítio e com o clima local.

Edifício Argentina

Ruptura e desproporção do gabarito. O edifício, com suas fachadas de vidro, também funciona como coletor solar. Concepção desconsidera o clima local. Casuísmo das autoridades públicas [liberação do gabarito]

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (V)

Igreja Imaculada Conceição e Edifício Caemi:

Ao fundo, o Corcovado evidencia a desproporção da massa edificada em relação à paisagem natural

Edifício Caemi e o Corcovado:

Mesmo sendo considerado um dos melhores projetos de edifícios de escritórios do Rio de Janeiro, sua massa evidencia descompromisso com a paisagem natural e com o ambiente.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (VI)

À direita o edifício do antigo cinema Ópera (atual Casa e Vídeo);

Ao centro, o mal afamado edifício Rajá, conhecido pelos problemas decorrentes da excessiva densidade populacional

À esquerda, lateral do edifício Coca-Cola/Intelig).

À direita, antigo edifício Rajá;

À esquerda, rua Prof. Alfredo Gomes, edifícios Botafogo Praia Shopping, Banco do Brasil, e o desporporcional e escuro edifício Coca-Cola/Intelig.

Ao fundo, o Corcovado somente visível no trecho da caixa da rua. Relação aleatória do edifício com o ambiente. Edifício ávido por atenção.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (VII)

Esquina Rua São Clemente:

Ruptura de gabarito, de alinhamento e de cor/textura da aparência externa. Massa edificada bloqueia a vista do Corcovado e da paisagem natural. Edifício como obra isolada

Centro Empresarial Mourisco, ou

“A Bolha Assassina”

Privatização de área pública de proteção ambiental. Extravagância formal e de materiais. Edifício como obra isolada, ávido por atenção e casuísmo das autoridades públicas

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (VIII)

Piscina do Botafogo:

Privatização de área pública de proteção ambiental. Extravagância formal e uso inadequado de material – massa de concreto aparente obstruindo a vista da enseada. Casuísmo das autoridades públicas.

Corpo de Bombeiros e Sol e Mar

Ocupação de área proteção ambiental, embora para uso público, pintura vermelha agride a já poluída paisagem local. Casuísmo das autoridades públicas, relação aleatória dos edifícios com o contexto

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (IX)

Edifícios Gêmeos da IBM:

Falta de vagas de garagem tumultua o trânsito nas alças de acesso à Avenida Nações Unidade (Aterro) e retorno a Copacabana

Edifícios “gêmeos” da IBM, Corpo de Bombeiros, Restaurante Sol e Mar e hangares do Iate Clube.

Ao fundo, a torre do edifício-shopping center Rio-Sul, um dos mais altos do Rio de Janeiro.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (X)

Vista da Janela do Apartamento (7^0 P)

Bloqueio da vista do perfil das montanhas que contornam a enseada de Botafogo. Edifícios-coletor solar Argentina e Fundação Getúlio Vargas. Edifícios ávidos por atenção

Conjunto de edifícios do condomínio Casa Alta:

Ocupação inadequada da encosta.

À frente, o exótico Centro Empresarial Mourisco.

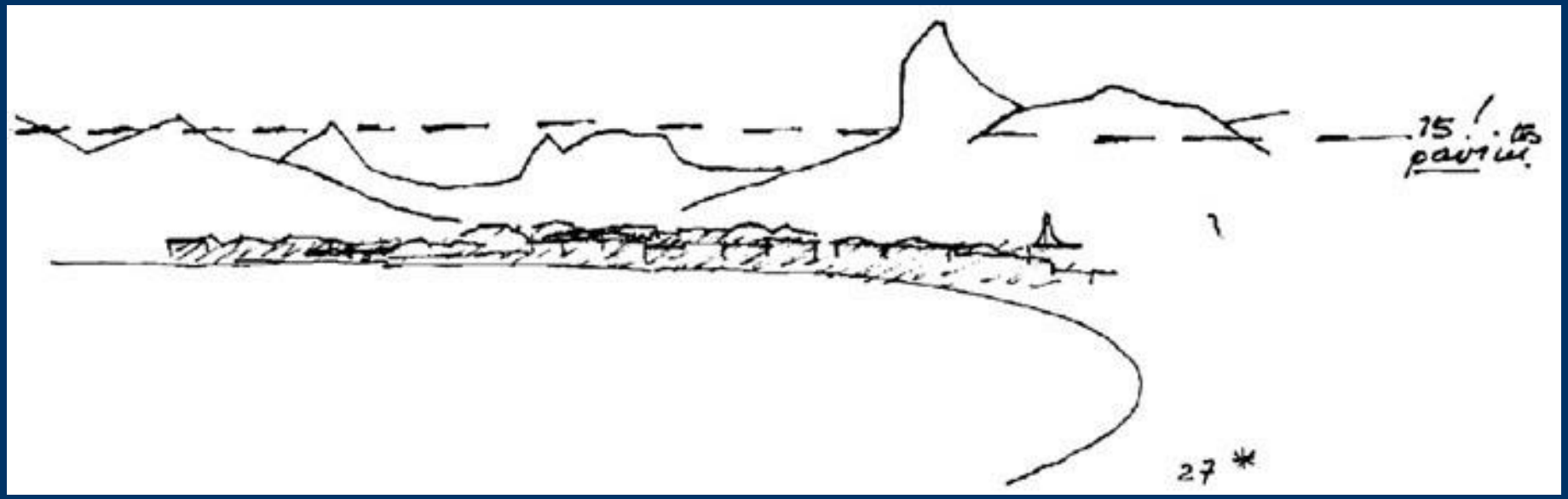
Casuísmo do poder público, degradação tecnicista e doutrinária.

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (XI)

Abrigo de Ônibus obstruindo o passeio de pedestres evidencia a falta de conexão entre as diversas instâncias do poder público municipal. Edifícios sem conexão com o sítio. Degradação tecnicista e casuísmo do poder público

A partir do local onde deverá ser construído o memorial às vítimas do holocausto. Arquitetura como protagonista principal de um ambiente onde a exuberante paisagem natural é relegada à condição de coadjuvante, quando não é completamente ignorada

MONUMENTOS DA IRRACIONALIDADE (XI)



CONCLUSÕES:

Conjunto de imagens compõem um percurso de pedestre ao longo da enseada de Botafogo evidencia:

1 - prevalência da concepção do edifício como obra isolada de arquitetura em detrimento de seu relacionamento com o contexto;

2 - casuísmo com que a cidade é tratada pelas autoridades públicas.

A estética destes edifícios e sua propaganda de venda evidenciam o "**desejo mimético**" (Jurandir FREIRE COSTA) do lugar onde seus idealizadores e compradores imaginam ou desejam viver.

CONCLUSÕES:

A metáfora dos “transatlânticos ancorados na calçada” ávidos por atenção pode ser considerada sua mais pura expressão.

O desprezo do clima e da paisagem local é expresso por um verdadeiro **tapume** da paisagem natural delineada pelo contorno dos morros circundantes.

O ambiente construído da enseada de Botafogo pode ser considerado um reflexo da esquizofrenia [ou aleatoriedade] da arquitetura da razão técnica e seus “desafios”.

Se não superamos as limitações do paradigma racionalista estaremos inexoravelmente condenados por nós mesmos a viver em um hábitat despersonalizado, desconfortável e desumano, mas “**civilizado**”

CONCLUSÕES (II):

O questionamento sistemático da validade das conquistas da ciência e da tecnologia – que levam as pessoas a se afastarem de suas tradições culturais e a produzirem as manifestações mais degradadas de arquitetura – pode livrar a humanidade desta dura pena.

Com relação aos arquitetos é necessário que:

- Se conscientizem de que o ambiente construído não se reduz à simples função de distribuição ordenada dos indivíduos e serviços;
- Deixem de se considerar os criadores autônomos capazes de inventar novos edifícios e ambientes culturais libertos do contexto material circundante; e
- deixe de encarar a autoria como o “oposto” da (vulgar) vida cotidiana.

CONCLUSÕES (III):

Os arquitetos precisam resgatar sua razão ética:

Tornar a vida do homem sobre a terra mais confortável.

Os arquitetos precisam superar a crença ...

“... de que um homem ou um grupo de homens seja capaz de controlar por completo um edifício e a projetar o que este vai ser, até o último detalhe, sobre um pedaço de papel.”

Christopher ALEXANDER

REFLEXÃO PROVOCATIVA:
Arquitetura = protagonista

REFLEXÃO PROVOCATIVA:
Arquitetura = coadjuvante

REFERÊNCIAS:

AUTRAN Paula. *Uma relação de amor e medo*, in O GLOBO, 15.nov.1999.

BANDEIRA & ANDRADE. Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos. Rio de Janeiro, José Olympio 1965

BERNARDES, Lysia. *Considerações Sobre a Região do Rio de Janeiro*, in BERNARDES, & SOARES. Rio de Janeiro: Cidade e Região. (3ed.) Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995, p. 71-80 [transcrito de *Revista Brasileira de Geografia* (Rio de Janeiro), 1971]

CAPRA, Fritjof. Sabedoria Incomum. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 1997.

COSTA, Jurandir F.. *A Ética Democrática e seus Inimigos*, in NASCIMENTO, Elimar P. (Org.) Ética. São Paulo: Garamond, 1997, p. 67-87.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1983. [edição original de 1971]

DEL RIO, Vicente. (Org.) Arquitetura: Pesquisa & Projeto. São Paulo: ProEditores; Rio de Janeiro: FAU UFRJ, 1998

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Studio Nebel, 1995.

GOMES, Renato Cordeiro: Todas as cidades, a cidade. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

MATURANA, F.; VARELA, F.. A árvore do conhecimento. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

NIEMEYER, Oscar. Rio. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1980.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, J. Entre o Tempo e a Eternidade. São Paulo: C. das Letras, 1992.

_____. A nova aliança: metamorfose da ciência. (4ed.) Brasília: Editora da UNB, 1997. [primeira edição publicada em 1984]

SANTOS, Boaventura S. Um Discurso sobre as Ciências. (7ed) Lisboa: Afrontamento, 1995a. (1ª edição em1987)

SANTOS, A. C.; DEL RIO, V.. *A Outra Urbanidade: A Construção da Cidade Pös-Moderna e o Caso da Barra da Tijuca*. in DEL RIO, Vicente [Org.] (1998: 101-119).

SANTOS, Sergio R. L. dos. Análise da Estruturação de Bairros do Rio de Janeiro – O Caso de Botafogo. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1981. Dissertação [Mestrado em Planejamento Urbano e Regional]

SUNG Jung Mo,. Desejo, Mercado e Religião. (3ed.) Petrópolis: Vozes, s/d.

TUAN, Yi-fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.